

cesso... E' um navio velho que vamos desen-cravar... Tudo pronto, você e eu ficaremos provàvelmente com mais de um milhão cada um. Basta só que você assine...

Sampaio, sem desejar ofender, perguntou:

— Creio na lisura da iniciativa, mas há algum inconveniente a considerar?

— Bem, o assunto envolve alguns interes-ses de repartições públicas, mas temos noventa e nove probabilidades a nosso favor...

— E se falharem as noventa e nove?...

— Ah! Se vier o contra — informou o amigo, evidentemente desapontado —, teremos entrevista no Distrito Policial.

Sampaio, sem perder a serenidade, falou simples:

— Não vale a pena.

E recomeçou a espanar.



9

Claudino e a lavoura

Entre Barra do Piraí e a vila de Juparanã, no Estado do Rio, Cláudio Dias, denodado seareiro espírita barrense, havia plantado grande milharal de parceria com um amigo.

O sócio, lavrador de prol, cuidava da gle-ba, e Cláudio, que aceitara o negócio na intenção de ajudar uma instituição de caridade, financiava o cometimento.

De vez em vez, os dois, juntos, iam namo-rar a cultura viçosa de que as águas do Pa-raíba eram farto sustento.

Surgindo a época das espigas iniciantes, mãos anônimas começaram talando a roça.

— Sr. Cláudio — vinha José, o sócio, notificar, dia a dia —, o produto está sendo surripiado. Alguém está fazendo *comércio* de milho verde, à nossa custa.

— José — recomendava o amigo —, vigie com critério. Se você apanhar o responsável, não faça violência. Dê conselhos...

E na manhã seguinte, José aparecia, renovando a denúncia.

Porque o resto do milho amadurecesse e o furto continuasse, numa noite de luar Claudio resolveu inspecionar a roça, ele mesmo.

Caminhou, em silêncio, quase uma hora, até que atingiu a margem do rio. Alguns momentos depois de zero hora, descansou, em prece, sob copada árvore.

Decorridos alguns minutos, notou que alguém quebrava o milho com discrição.

Tac... tac... tac... tac... Recordou o Evangelho e mentalizou as palavras que iria dizer. Não feriria o irmão que aproveitava a noite para roubar.

Avançou devagarinho... Mas, a poucos metros, vê o intruso.

E' o próprio parceiro da lavoura, arrancando espigas, despreocupado.

Claudio recua.

Ele, que desejava surpreender, não quer ser agora surpreendido.

Comadece-se do amigo e afasta-se em silêncio.

No dia seguinte, o sócio vem de novo comunicar-lhe que a roça estava sumindo...

— José — diz o companheiro, em tom paternal —, realmente a lavoura tem dado a você muitos problemas e prejuízos, mas desejo ajudá-lo. Não precisa pensar em mim. A plan-

tação é toda sua. De hoje em diante, você é o dono. Pode agir à vontade...

— Oh! Oh! Muito obrigado. O senhor é um santo... — falou o amigo.

E continuou:

— Agradeço muito, mas queria convidar o senhor para plantarmos dois alqueires de amendoim.

Claudio sorriu e respondeu:

— Muito grato pelo convite, mas agora não posso. Meus deveres são muitos.

E ante o amigo desapontado, concluiu:

— Mas Deus é sócio de todos nós e estará com você...

